



*Centenário de Frederico Machado*

# CIDADÃO, CIENTISTA, PROFESSOR



## MEMÓRIA E ESQUECIMENTO



Frederico Machado deu contributos pioneiros à construção do conhecimento nas Ciências da Terra. E, também, à transmissão desse conhecimento em situações de alta pressão emocional. Parece que intuiu o imaginário dessa sabedoria para além do seu valor real. Realmente ao serviço das pessoas. Esta visão teve a justa réplica. Talvez o maior “título honorífico” da sua longa história de homenagens – O epíteto de ‘**O Cientista do Povo**’ (expressão de autor desconhecido a rondar a categoria de conceito). Pela sua ampla aceitação terá sido o elemento determinante do traço mnésico que guindou Frederico Machado ao patamar da ‘**memória colectiva**’ da população do Faial. É lícito nesta pesquisa aduzir um segundo factor que emerge como sentimento unânime – o ‘porte’ comportamental de ‘um grande Senhor’... fosse onde fosse e com quem fosse. Sempre com serenidade e respeito. É em geral admitido que a memória ganha profundidade com a intensidade do estímulo e também pela repetição em condições significativas. Assim aconteceu com Frederico Machado. Aliás, **Memória e Esquecimento** na sua permanente ligação teórica ganham aqui um expressivo exemplo nos processos de resistência ao apagamento da memória. E porque existem várias razões para que o esquecimento se instale (até intencionais), às figuras invulgares é costume aplicarem-se lógicas de Panteão. Por isso, há 15 anos lembrámos à Câmara da Horta um primeiro passo, a entrada de Frederico Machado na toponímia do Faial (proposta aceite embora num “petit bout de chemin”). Esperamos que neste Centenário outras formas de reforço ganhem sentido. **Para que seja preservada a memória de um vulcanólogo excepcional que acedeu à memória colectiva pela ciência com afecto.**

## PARA UMA BIOGRAFIA DE FREDERICO MACHADO



Naturalmente, a AAALH sempre teve na memória biográfica uma das suas linhas de rumo prioritário. De histórias importantes de pessoas simples às crónicas sobre personalidades eruditas. Neste património, Frederico Machado ocupa um lugar único por acumular os dois planos. No entanto, para a distinção como sócio honorário (o primeiro da AAALH) e depois na homenagem com a Universidade dos Açores fomos surpreendidos por dificuldade de acesso a fontes sobre os seus registos biográficos (ref. boletins n.º 4/2000 e n.º 11/2004 e brochura sobre o 28.º aniversário da UAc). A ajuda em tempo pedida ao próprio Frederico Machado veio explicar uma parte das dificuldades. O seu documento curricular “continha” várias omissões, de trabalhos publicados e mesmo das homenagens oficiais (impensável em registos análogos nos tempos actuais, sempre exaustivos e por vezes narcisistas). Aí percebemos que esta como outras situações excepcionais justificavam ensaios de interpretação.

Em coerência com a nossa prática memorialista e a participação em várias homenagens (incluindo este Centenário), julgamos dever contribuir para a viabilização de uma biografia de Frederico Machado.

Quase 20 anos depois da sua morte acreditamos neste distanciamento como moderador das narrativas especulativas e das contaminações da lucidez de opinião. Acreditamos também ser consensual que o verdadeiro alcance de uma biografia não se esgota no alinhamento habitual de factos ou em narrativas de historiografia descritiva. E que se dispõe da capacidade de investigação que projecte o biografado no momento conjuntural, no contexto social e na época histórica. Reconhece-se que já existem avanços. Além de algumas peças criadas por Victor Hugo Forjaz a partir do seu extenso “bloco de notas”, destacamos a excelente pesquisa de Luís Arruda concluindo o levantamento dos trabalhos científicos publicados por Frederico Machado e abrindo com a respectiva recensão o caminho para o mais esperado capítulo da biografia de Frederico Machado – **a interpretação em contexto do seu pensamento científico e da obra produzida, analisados à luz de uma bitola de valor nacional e internacional.**

# MEMÓRIAS DE FREDERICO MACHADO

## RECORDANDO



O meu pai teria feito 100 anos no dia 24 de maio do ano de 2018. Morreu no ano 2000 – mau início para o milénio, é o que se chama entrar com o pé esquerdo, perdi um pai e um amigo. Levei meses para me conformar. Depois, fiz as pazes com o universo, a vida tem de seguir o seu curso. Tenho boas recordações da minha infância passada primeiro no Faial e a seguir em Oeiras. A nossa casa estava sempre cheia de gente, só miúdos éramos cinco, todos com os respetivos amigos que entravam e saíam a toda a hora. Do Faial, lembro-me mal da nossa primeira casa da Colónia Alemã, a Casa do Relógio, com corredores muito, muito compridos, vivíamos no 1.º andar e os meus irmãos mais velhos faziam equilíbrio em cima do telhado, para pavor dos vizinhos e conhecidos. Teria talvez três anos quando nos mudámos para outra casa, mesmo à entrada da Colónia, era uma casa geminada, do outro lado vivia o tenente Saloio que chegou a dar explicações de matemática aos meus irmãos. Recordo que um dia o meu pai mandou os dois mais velhos para o quarto, que ficava no 1.º andar, de castigo, sem jantar, por qualquer tropelia que tinham feito, quando foi, depois do jantar, à procura deles, tinham saltado pela janela e só vieram a aparecer horas depois. Claro que levaram uma sova, mas isso não parecia incomodá-los muito, já que as traquinices eram

constantes. Duas memórias bem nítidas que tenho do Faial são a de um avião que se incendiou na doca e, evidentemente, do vulcão dos Capelinhos, sobretudo, de uma vez que estava pela mão do meu pai, muito próximos do vulcão, num momento de acalmia, e, de súbito, aquele gigante de areia e lava começou a expelir enormes pedras e nós corremos como loucos para nos abrigarmos numa furna; do espetáculo noturno dos penachos de lava incandescente e, também, de uma noite de sismos violentos – parecia que as altas paredes do corredor se juntavam em cima, e muita gente, que eu não conhecia, sentada ou deitada por todo o lado, embrulhada em cobertores. Sei agora que tinham sido obrigados a sair das suas casas no Capelo e na Praia do Norte para não morrerem debaixo delas. As casas ficaram totalmente destruídas, mas não morreu ninguém, porque o meu pai teve a percepção do que ia acontecer e convenceu o governador, Dr. Freitas Pimentel, a evacuar toda aquela gente. Por isso, o Faial o tem homenageado repetidas vezes, e, ainda hoje, as populações do Faial e do Pico, sobretudo os mais velhos que dele se recordam, e que passaram aflições durante a crise do vulcão e outras crises sísmicas, falam dele com respeito e admiração.

*Paula Machado Castro*

## POSTAL AO ENG. FREDERICO MACHADO



Estamos “todos” habituados a ouvir que o Eng. Frederico Machado foi uma pessoa culta, cordata e de fino trato. É quase um lugar comum. Uma constante quando alguém fala de si. Respeitável e respeitado. A minha geração associa-o, essencialmente, ao Vulcão dos Capelinhos. Eu também. Admiro o seu percurso profissional e cívico. Mas, aqui, quero manifestar a expressão do meu sentimento afectivo.

Comecei a frequentar a sua casa, na Colónia Alemã, quando tinha 14 anos, como colega e amiga da sua filha Maria Berta. Sempre fui bem acolhida por si e pela D. Ema. Mais tarde, quando vim estudar para Lisboa é o Sr. Engenheiro que me proporciona a primeira grande alegria – ao fim de 15 dias de tristeza, fechada num lar, onde não conhecia ninguém, veio buscar-me para passar o

fim de semana na sua casa em Nova Oeiras. Senti-me rejuvenescer, não só porque vi o mar mas porque me senti em ambiente familiar. Tantos anos passados recordo esse momento como se fosse hoje. E, frequentemente. Passo na rua dessa vivenda quase todos os dias (vivo nesse bairro há quase 50 anos).

Recordo ainda as suas conversas serenas e a confiança que em mim depositou quando me pediu para levar ao Faial, a férias, no verão de 1964, a sua filha Paula, ainda criança. Devo confessar que fiquei assustada com tamanha responsabilidade. Felizmente tudo correu bem apesar de uma longa viagem no Carvalho Araújo.

Obrigada pela amizade que me dispensou e bem haja pelo exemplo que nos deixou.

*Luiza Bulcão*

## O QUE AS PALAVRAS NÃO DISSERAM



Durante a erupção do Vulcão dos Capelinhos meu pai deslocava-se regularmente com o Engenheiro Frederico Machado (na época Director das Obras Públicas) para este observar a sua evolução.

Numa destas deslocações recordo ter estado presente.

Nessa altura, pelo tipo de vulcanismo, verificava-se um período de acalmia da actividade.

Então, o Engenheiro Frederico Machado “previsionou” que um dos cones que formam hoje a intitulada “rota dos vulcões”, poderia manifestar-se, acrescentando que poderia ser mesmo a “caldeira” central da ilha.

Claro que eu, naquela idade, só pensei que o Engenheiro estava a “delirar”!...

A verdade é que foi mesmo o cone central da caldeira que “activou” com uma emanação de fumarolas e cinzas esbranquiçadas, a 14 de Maio de 1958, felizmente num curto período.

Nessa altura foi mesmo colocada a hipótese da ilha ser evacuada.

Hoje, sinto que esta minha incredibilidade (infundada), quanto àquela suspeição, releva a imortalização do Professor Frederico Machado, que extravasa em muito as nossas fronteiras regionais e mesmo nacionais.

Assim, despretensiosamente, fica aqui este meu micro testemunho a um Homem a quem nunca será de mais um Grande Reconhecimento.

Bem Haja.

*Rui Simões*

## FREDERICO DE MENEZES AVELINO MACHADO (1918-2000)



O meu conhecimento de Frederico Machado aconteceu quando, conjuntamente com outros flamenguenses, o acompanhámos em visita que fez à freguesia dos Flamengos, zona da Ponte e Rua da Igreja, na sequência da crise sísmica que assolou o Faial e o Pico em novembro de 1973. As suas palavras sóbrias, pausadas, numa linguagem simples acalmou-nos perante a destruição na zona supra. “Lá vem o Sr. Frederico Machado”, ouvimos de várias bocas. “Com ele estamos salvos”. Anos depois, em 1979, viria a encontrá-lo nos corredores e no bar da Universidade dos Açores. Em 1998, através de um trabalho feito em conjunto com os meus alunos da atual Secundária Manuel de Arriaga, *O Ano do Vulcão. 1957-1958*,

registo que entre outras coisas ficou a expressão “o cientista do povo”. Finalmente, em 2004, o brilhante aluno do Liceu Nacional da Horta e, em 2009, o sócio, o diretor e o proponente da criação do *Núcleo Cultural Amor da Pátria*, seriam alvo da nossa investigação respetivamente em *Liceu da Horta, Memória Institucional e Sociedade Amor da Pátria, 150.º aniversário, 1859-2009*.

Dos registos, dos testemunhos e das suas palavras, embora nunca tivesse sido um íntimo de Frederico Machado, recordo uma mente BRILHANTE, SIMPLES. Um falar pausado e seguro.

*Carlos Lobão*

## ANOS 50 – UMA DÉCADA ESPECIAL



A década de 1950 do século XX, um tempo de importantes referências centenárias da História do Faial, dá-nos registos impressionantes da intensidade e da diversidade da vida de Frederico Machado. E da sua extraordinária sensibilidade cultural e social. ‘Ao correr da pena’ assinala-se que dirigiu o serviço de obras públicas, colaborou com o Serviço Meteorológico Regional, realizou estudos em sismologia e vulcanologia, publicou trabalhos científicos, conseguiu a aceitação do primeiro artigo numa revista internacional e ser admitido como membro de uma associação científica nos EUA. Foi cofundador do Núcleo Cultural da Horta e editor do seu boletim, presidente da Sociedade Amor da Pátria (da direcção e da AG). Acompanhou a erupção do Vulcão dos Capelinhos e as suas consequências realizando e publicando narrativas científicas pioneiras deste fenómeno natural. E foi ‘eleito’ pela população do Faial “O Cientista do Povo”. Das consequências deste vulcão formulou a pergunta doutoral que o conduziu, também neste tempo e no Faial, a produzir uma tese de doutoramento. E, talvez por tudo isto, fez uma opção de vida de grande coragem e visão – passou a viver no Continente, começando por enfrentar longamente os 17 Professores do júri que julgou o seu acesso ao grau de doutor. **Temos aqui um capítulo de enorme riqueza contextual para futuros ensaios de interpretação biográfica sobre Frederico Machado.**



Foto da esq. – 1950, **Frederico Machado** representando a direcção do Amor da Pátria recebe o Governador Civil na inauguração de uma exposição de flores Foto de Francisco Gonçalves; foto da dir. – 1958, **Frederico Machado**, conhecido pelo valor que atribuía às equipas de trabalho e pelo respeito que tinha, por cada colaborador, homenageando um dos funcionários que dirigia, A. Faria Diniz, Técnico de Topografia, com quem também publicou trabalhos científicos. Presentes na cerimónia outros técnicos das “Obras Públicas”, da esq. para a dir. Engenheiros Pinelo, Corbal e Sá Nogueira. Foto de Jorge Roches Diniz



Foto da esq. – 1957, 11/10, **Frederico Machado** (1) integrado numa missão de cientistas, Orlando Ribeiro (2), Raquel Soeiro de Brito (3) e Júlio Quintino (4) viajando a bordo do NRP S. Tomé para observar a erupção do Vulcão dos Capelinhos por mar; foto da dir. – 1959, 28/11, **Frederico Machado**, Presidente da Assembleia Geral, 1.º à esq. na mesa da sessão solene do Centenário da Sociedade Amor da Pátria, seguido de Linhares de Andrade, Presidente da Junta Geral. Ao centro, Freitas Pimentel, Governador Civil; a partir da dir., Alberto de Campos Medeiros, Presidente da Direcção e Manuel da Rosa, Vice Presidente da CMH. F. Carreiro da Costa de S. Miguel foi o orador convidado. Fotos cedidas por Francisco Gonçalves



1950 – Autoridades do Distrito da Horta na inauguração da Estação Rádio Naval da Ilha das Flores, ao centro Governador Civil (Mascarenhas Gaivão), a partir da esquerda destaca-se Eng. Ribeiro da Silva (director da Estação Agronómica), Jorge Gonçalves (representante de “O Telégrapho”), Capitão Barros Teixeira (Comandante da Bateria de Defesa de Costa), Dr. Freitas Pimentel (Presidente da Câmara da Horta), Eng. Frederico Machado (Director das Obras Públicas), Dr. Aristides Taborda (director da Alfândega), 1.º Tenente Chaby Lara (Capitão do Porto da Horta), Comendador Norberto Amaral (Presidente da Junta Geral). Do lado direito podem ver-se ainda Eng. Corbal e Eng. Pinelo (das Obras Públicas) e Tenente Horácio Saloto (da Empresa de Electricidade do Faial). Foto cedida pela família Chaby Lara

# CENTENÁRIO DE FREDERICO MACHADO



Iniciado no Faial em 24/5/2018, o programa deste Centenário tem permitido evocar a memória do Cidadão, do Cientista e do Professor, projectando este “faialense emérito” na História dos Açores e da Ciência em Portugal. 18 anos após a morte de Frederico Machado é reconfortante constatar a convergência institucional e a participação expressiva da sociedade faialense ao longo das comemorações.

Registam-se três momentos em que a AAALH teve participação directa em parceria com a Comissão dos 60 anos do Vulcão dos Capelinhos, a Universidade dos Açores (Instituto de Investigação Vulcanológica e Análise de Riscos) e a Sociedade Amor da Pátria.

## CAPELINHOS MONUMENTO NATURAL

A Assembleia Legislativa dos Açores aprovou em 12 de Fevereiro o decreto n.º 3/2019 que cria o Monumento Natural do Vulcão dos Capelinhos, afecto ao Parque Natural do Faial. Esta é a estrutura museológica mais visitada dos Açores (250.000 visitantes nos últimos 10 anos).

Apraz-nos registar o simbolismo desta classificação patrimonial por ocorrer no Centenário de Frederico Machado.

**26/7/2018** – Colóquio “O Vulcão depois do Vulcão/O mistério que gerou futuros”, organização da AAALH com a participação de Professores da Universidade Sénior do Faial. Apoio do Parque Natural, da Azorina e da Biblioteca João José da Graça. Imagem: adaptação para este boletim especial dos conteúdos de um cartaz do colóquio produzido pela Azorina.

## O mistério que gerou futuros

### Centenário do nascimento de Frederico Machado

**14.00** **Biblioteca João José da Graça**

Exposição bibliográfica: História do Vulcão dos Capelinhos

**14.30 - 15.00** Abertura do Colóquio

· Evocação de Frederico Machado, o Cientista do Povo  
· Introdução ao tema do Colóquio

**15.00 - 15.20** **Carlos Faria**

O Vulcão dos Capelinhos: uma erupção de conhecimento

**15.25 - 15.45** **Filipe Porteiro**

Capelinhos: depois do Vulcão a explosão da vida

**15.45 - 16.00** **Debate**

**16.00 - 16.15** **Pausa/Café**

**16.15 - 16.35** **Carlos Lobão**

A geração do Vulcão: num país de (brilhante) presença portuguesa

**16.40 - 17.00** **Maria Eduarda Rosa**

Memórias do Vulcão – um olhar sobre os que ficaram

**17.05 - 17.25** **Maria do Céu Brito**

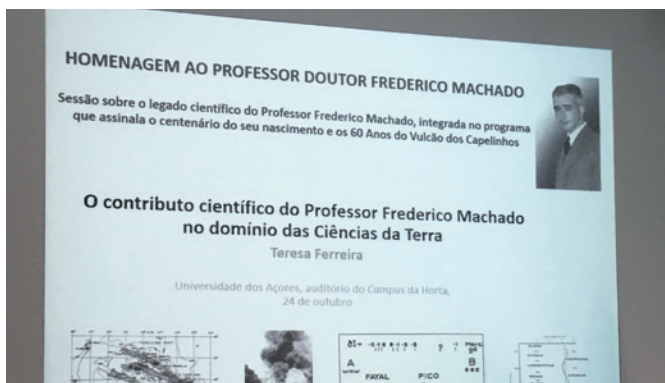
Vulcão dos Capelinhos: História e Imaginário

**17.30 - 17.45** **Debate**

**Encerramento do Colóquio**



**9/8/2018** – Homenagem da sociedade faialense, sessão evocativa e jantar-convívio. Organização da Sociedade Amor da Pátria com a AAALH. Mesa da sessão – a partir da esquerda: Guilherme Pinto, Presidente do Núcleo Cultural da Horta; Jorge Roches Diniz, amigo e familiar de Frederico Machado; Prof. Frias Martins, Presidente da Sociedade Afonso Chaves; José Menezes, Presidente da Direcção da Sociedade Amor da Pátria; Helder Silva, Presidente do DOP; Jorge Gonçalves, representante do Rotary Club da Horta; Henrique Barreiros pela AAALH. Foto de Delfina Porto



**24/10/2018** – Homenagem da Universidade dos Açores, organização do Instituto de Investigação Vulcanológica e Análise de Riscos com a AAALH. Auditório do DOP. Imagens, à esquerda apresentação da Professora Teresa Ferreira de uma pesquisa sobre o currículo de Frederico Machado; à direita, evocação de Frederico Machado pelo Prof. António Ribeiro (Univ Lisboa). Fotos de João Melo